

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Uziel Ananias Sant'Ana Almeida

**A BRASILIDADE AFRICANA: A INTERCULTURALIDADE RELIGIOSA NO  
CANDOMBLÉ**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Prof. Dr. Emerson José Sena da Silveira.

Juiz de Fora  
2019

## DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **UZIEL ANANIAS SANT'ANA ALMEIDA**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201773071A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **A BRASILIDADE AFRICANA: A INTERCULTURALIDADE RELIGIOSA NO CANDOMBLÉ**, desenvolvido durante o período de AGOSTO DE 2019 a NOVEMBRO DE 2019 sob a orientação de PROF. DR. EMERSON JOSÉ SENA DA SILVEIRA, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

**UZIEL ANANIAS SANT'ANA ALMEIDA**

**Marcar abaixo, caso se aplique:**

Solicito aguardar o período de (X) 1 ano, ou ( ) 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

## A BRASILIDADE AFRICANA: A INTERCULTURALIDADE RELIGIOSA NO CANDOMBLÉ

"Na natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma"<sup>1</sup>

Uziel Sant'Ana<sup>2</sup>

### RESUMO

O Candomblé por muito tempo esteve à margem da sociedade assim como a população que o originou e que o frequenta. Por muito tempo foi considerado como uma religião destituída de identidade própria e viveu em uma relação de dependência com o catolicismo. Alvo de diversas discriminações, é por vezes associado como religião afro-brasileira de origem, ao mesmo tempo em que parte de seus praticantes reivindica o reconhecimento como uma religião africana praticada no Brasil. O objetivo deste trabalho é tentar expor uma perspectiva intercultural religiosa para se entender o Candomblé. A interculturalidade pretende explicitar a contribuição mútua entre as diversas culturas e religiões que ajudaram a formar a identidade candomblecista. Uma religião cuja totalidade é constituída pela junção de várias influências, com uma cosmologia que transcende a delimitação geográfica na qual foi instituída. O sincretismo será abordado pela perspectiva da interculturalidade e não apenas o da assimilação para sobrevivência. O termo "simbiose" expressa juntamente com o conceito de interculturalidade essa outra perspectiva pela qual abordei o sincretismo. Tendo como base obras de Volney Berkenbrock (2007), Roger Bastide (1961) e Reginaldo Prandi (1998) entre outros pesquisadores de religiões afro-brasileiras no âmbito da Ciência da Religião, esse trabalho se baseia no método da análise bibliográfica para abordar tal perspectiva.

**PALAVRAS-CHAVE:** Candomblé. Religiões Afro-brasileiras. Sincretismo. Brasilidade. Interculturalidade.

### 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi elaborado como critério parcial para aprovação no curso Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora e tem por objetivo fazer uma análise sobre a interculturalidade na formação de uma identidade própria do Candomblé. O termo interculturalidade nesse texto, representa a relação recíproca entre diversas culturas como forma de enriquecimento mútuo e adaptação à novos tempos e realidades, o que justifica em parte a escolha da frase citada no início desse trabalho, que será explicada no decorrer do texto.

O Candomblé que é o tema norteador desta pesquisa, será tomado como esse exemplo de interculturalidade. A escolha por esse tema específico se deu pelo meu interesse pessoal nessa religião afro-brasileira e por ter uma visão de mundo diferente do senso comum que comumente é aplicada ao Candomblé. Visão essa que é geralmente a da negação da riqueza e grandeza cultural dessa religião, baseada em opiniões eurocêntricas e etnocêntricas que sempre visam colocar a religião cristã principalmente a da Igreja Católica como padrão religioso. Esse tipo de visão de mundo é comum em nossa sociedade, que por esse viés tende a abordar o sincretismo como uma simples assimilação cultural por parte dos descendentes africanos, desconsiderando que a partir de tal processo eles construíram uma identidade própria que se desenvolveu ao longo da história até culminar na religião que é hoje denominada Candomblé.

Inicialmente esse trabalho seria elaborado com base na observação de campo em terreiros de Candomblé presentes em Juiz de Fora, porém, tal metodologia teve que ser substituída pela análise bibliográfica devido as mais variadas dificuldades encontradas para desempenhar tal pesquisa. Dificuldades como a escassez de festas públicas nesses terreiros que seriam abertas aos não praticantes no período em que esse trabalho foi desenvolvido, como também a questão do segredo, que é uma característica própria dessa religião e que impede seus adeptos de comentar assuntos internos com os não iniciados.

A metodologia utilizada nesse trabalho portanto, foi a análise bibliográfica baseada em obras e pesquisas produzidas sobre o Candomblé e demais religiões afro-brasileiras sob as mais variadas perspectivas e não somente à que utilizo como ponto de partida para essa pesquisa, dentre as quais podemos citar as de Volney Berkenbrock (2007) e Reginaldo Prandi (1998), referências na análise bibliográfica deste trabalho.

---

<sup>1</sup> Frase atribuída a Antoine Lavoisier.

<sup>2</sup> Uziel Ananias Sant'Ana Almeida. Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: uziel.santana@ich.ufjf.br. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Prof. Dr. Emerson José Sena da Silveira.

A questão levantada com o presente trabalho é a da diversidade cultural do Candomblé, uma religião que se desenvolveu em território brasileiro e recebeu influências do catolicismo e posteriormente de outras expressões religiosas do campo religioso brasileiro. A interinfluência é uma via de mão dupla, pois a religião candomblecista não apenas foi influenciada, mas também influenciou outras religiões, assunto que não será, no entanto, abordado a fundo nesse trabalho.

Utilizo o conceito de interculturalidade no sentido de uma influência recíproca entre o candomblé e outras religiões do campo religioso brasileiro. Weissmann (2018) apresenta o conceito de interculturalidade como sendo um processo de “mestiçagem” no qual vários elementos heterogêneos se mesclam sem perder suas características individuais preservando assim, a particularidade de cada elemento. “O conceito representa um diálogo em imanência, em paridade, um diálogo de confiança, criando uma estética de muitas vozes que falam e conversam, se sucedem, se contradizem e, às vezes, também se interrompem.” (WEISSMANN, 2018, p.7). Quando se fala em interculturalidade ainda segundo Weissmann (2018), existe sim uma pluralidade de pontos de vista, porém, nenhum destes pontos de vista se sobrepõe ao outro.

Outro termo utilizado nesse trabalho com recorrência é o termo “simbiose”<sup>3</sup>, no sentido de uma convivência mútua entre culturas diferentes simultaneamente, sem necessariamente uma ser absorvida pela outra. Conceito esse que complementa o de interculturalidade proposto no título deste trabalho. O Candomblé foi abordado como sendo uma religião constituída e dotada de uma identidade étnica-cultural quem vem sendo construída segundo Consorte (1999), a partir do final do século XX. Ainda segundo Consorte (1999) um fato que pode ser considerado marcante para o Candomblé se assumir como religião frente as demais instituições religiosas do campo religioso brasileiro, foi o *Manifesto de lalorixás baianas contra o sincretismo* publicado por alguns jornais de Salvador em 1983<sup>4</sup>, no qual algumas mães de santo da Bahia destacavam a necessidade do Candomblé romper de vez com o sincretismo afro-católico e exaltavam os valores culturais presentes em sua religião.

O intuito deste trabalho, ao abordar essa temática da diversidade cultural presente nas religiões afro-brasileiras, em especial o Candomblé, foi o de contribuir para tentar diminuir as distancias entre tais religiões com as outras religiões predominantes no campo religioso brasileiro. Os dois termos que compõem o título deste trabalho, tiveram o intuito de deixar explicitado que a diversidade dessas religiões e culturas advindas do continente africano, e mescladas no Brasil com elementos da cultura brasileira, não podem ser observados apenas de uma perspectiva. Essas religiões tiveram grande influência da cultura e religiões africanas, mas por outro lado, também tiveram influência da cultura brasileira. Logo, não se pode simplesmente dizer que tais religiões são africanas, muito menos que tais religiões são brasileiras, pois o produto dessa relação é maior que a simples soma de todas as partes. Daí a escolha destes termos. A brasilidade, termo normalmente utilizado para expressar características próprias do brasileiro, em junção ao termo africana(o) que é utilizado para representar os habitantes do continente africano – não apenas os negro; representa justamente essa interculturalidade, essa simbiose de culturas e práticas religiosas, que quando unidas, são capazes de criar algo completamente novo: as religiões afro-brasileiras. O conceito de brasilidade representa aquilo que Souza (2009, p.29) denomina de “mito nacional”, responsável por criar nos cidadãos de determinado país, um sentimento de “solidariedade coletiva”, na qual todos os integrantes da sociedade se sentiriam unidos por características comuns que poderiam ser encontradas em qualquer lugar e em qualquer pessoa. A brasilidade portanto é esse sentimento que nutre o nacionalismo e patriotismo brasileiro, que faz com que todos se sintam pertencentes a algo maior: à nação brasileira, pois “O mito da brasilidade, assim construído, é extremamente eficaz de norte a sul e constitui-se em base indispensável para qualquer discurso sobre o país.” Já a palavra africana utilizada no título remete literalmente a ideia daquilo que provém da África, e diz respeito a influência da cultura e das religiões africanas que contribuíram na constituição do Candomblé. Como Berkenbrock (2007, p.131) afirma, “A esta altura da história, não se pode mais, porém, falar simplesmente em puras tradições religiosas africanas. A

---

<sup>3</sup> Termo utilizado primeiramente por Isabelle Stengers (2005), mas que utilizei tendo como base o artigo de Miriam C. M. Rabelo e Ricardo Aragão (2018)

<sup>4</sup> O primeiro manifesto não foi publicado em sua totalidade em nenhum jornal, segundo Consorte (1999). Porém, as mesmas mães de santo, devido a repercussão negativa do primeiro texto, e para justificar a posição ante o sincretismo, publicaram outro em 12 de agosto de 1983, que foi disseminado em sua totalidade. O primeiro havia sido vinculado pelos jornais em 29 de julho de 1983. O segundo manifesto é de autoria de várias mães de santo, de cinco terreiros diferentes de Salvador, e Consorte (1999, p.90,91) apresenta como responsáveis pela edição deste, Mãe Menininha do Gantois – lalorixá do Axé Ilê Iya Omin Iyemassé; Stella de Oxóssi – lalorixá do Ilê Axé Opô Afonjá; Olga de Alaketo – lalorixá do Ilê Maroia Lage; Tetê de Iansã – lalorixá do Ilê Nasso Oká e Nicinha do Bogum – lalorixá do Zogodô Bogum Malê Ki-Rundo.

história havia deixado suas marcas, também a nível de religião, de modo que não se pode mais falar em religiões africanas no Brasil, mas sim de religiões afro-brasileiras”.

Este trabalho está dividido em cinco partes principais juntamente com as considerações finais que são minhas perspectivas referente a pesquisa desenvolvida. A primeira parte se trata de uma exposição breve sobre o contexto de surgimento do Candomblé, que não será abordada de forma mais detalhada devido as limitações impostas para elaboração desse trabalho. A segunda parte trata brevemente sobre a cosmologia do Candomblé, sua organização e sistema cultural-religioso, traçando uma linha de desenvolvimento para os aspectos abordados nos tópicos seguintes. A terceira parte aborda sobre o aspecto da simbiose cultural como uma nova perspectiva para entender o sincretismo e tem por objetivo uma análise sobre algumas contribuições de religiões do campo religioso brasileiro na formação de uma identidade cultural-religiosa do Candomblé. A quarta parte aborda o que foi definido por Prandi (1998) como processo de “africanização”. Africanização no sentido de o Candomblé se tornar uma religião universal aberta a todos que se interessam por suas práticas religiosas e não apenas aos afrodescendentes. A quinta parte deste trabalho é a síntese das ideias abordadas nos tópicos anteriores cujo objetivo é uma conclusão das ideias desenvolvidas ao longo do texto. E por fim a última parte são minhas conclusões sobre a pesquisa elaborada com minhas próprias opiniões e perspectivas sobre o assunto e tema proposto.

Ressalto que esse trabalho não tem como objetivo minar a pesquisa sobre o Candomblé e as demais religiões afro-brasileiras e nem expor conclusões sobre o tema. O objetivo dessa pesquisa é contribuir com a valorização e reconhecimento do Candomblé como religião dotada de riqueza cultural e religiosa e contribuir também para o enriquecimento da pesquisa sobre o Candomblé no âmbito da Ciência da Religião.

## 2. CONTEXTO DE SURGIMENTO DO CANDOMBLÉ

Difícilmente pode-se abordar a temática das religiões afro-brasileiras partindo de outro ponto que não seja o período da escravidão brasileira (1530-1888)<sup>5</sup>. Um período que se estendeu por quase quatro séculos da História do Brasil mas que ainda reflete nos dias de hoje consequências e implicações não apenas no campo religioso brasileiro, mas também na organização sociocultural de nosso país, o que será abordado brevemente com o intuito de introduzir ao estudo do Candomblé, religião de matriz africana tema deste artigo. A questão da escravidão no Brasil será rapidamente citada nesse trabalho, mas não por desmerecimento, mas por ser um assunto que demandaria pesquisa mais aprofundada e que resultaria em extensa descrição e explicação, o que poderia comprometer o objetivo deste artigo, visto a limitação que o mesmo possui quanto a sua elaboração. A escravidão foi abordada com o intuito de situar o ponto de partida para estudo do tema.

O número de escravizados negros trazidos ao Brasil segundo Alencastro (2000) é estimado em 4.029.800 entre o período de 1451-1870. A questão da escravidão foi citada brevemente pois o foco deste trabalho não é fazer uma análise histórica do surgimento do Candomblé mas para falar sobre religiões afro-brasileiras é sempre necessário que se volte na linha do tempo para se situar no contexto em que houve essa junção África-Brasil ou seja, o período escravocrata brasileiro.

Por mais que se tenha um ponto de partida do contexto histórico de surgimento do Candomblé, não se pode afirmar com exatidão um momento exato de seu surgimento. Isto porque diferentemente do que ocorreu com outras religiões afro-brasileiras como a Umbanda por exemplo, o Candomblé que conforme Ferretti(2013, p.96) é considerado por alguns pesquisadores como uma das religiões afro-brasileiras que contém mais características culturais africanas – o que Ferretti(2013) denomina de “nagoização” um termo para definir uma suposta superioridade nagô em relação as outras “nações” - construiu sua identidade étnico-religiosa-cultural ao longo de sua trajetória e pode-se dizer que ainda se encontra em constante processo de transformação.

O Candomblé segundo Berkenbrock (2007) aponta, se originou como um dos modos que os escravos utilizaram para continuar a praticar os ritos das religiões que eram adeptos em sua terra natal. Práticas religiosas que não abandonaram após serem trazidos para outro continente no qual a religião dominante, o cristianismo do homem branco, inibia e condenava a prática de qualquer ritual religioso que não fossem os previamente instituídos pela Igreja Católica, o que culminou no processo que Berkenbrock (2007) denominou de “catolização forçada”. A forma como o Candomblé teve origem se diferencia da forma como a Umbanda se formou, pois segundo a descrição apresentada por Jensen (2001), a fundação da Umbanda remete a década de 1920 e é atribuída a Zélio de Moraes, mas que na verdade, é uma construção posterior e está em disputa com outras narrativas de origem. Jensen (2001) também aponta que o objetivo da Umbanda não era perpetuar práticas

---

<sup>5</sup> Segundo Silva (2019)

religiosas ancestrais apenas, como no Candomblé, visto que teve sua origem após a abolição da escravidão. O que foi denominado como “Espiritismo branco” por Jensen (2001), foi a iniciativa por parte de líderes da Umbanda de remeter a origem da religião aos hindus, adotando práticas e rituais do espiritismo de Allan Kardec.

O Candomblé não surgiu como uma religião previamente definida como já abordado anteriormente. Ele sequer possuía o nome e a estrutura que possui atualmente. Foi concebido como uma forma de perpetuação das tradições originárias africanas, no qual o sincretismo teve um papel importante ao permitir que os escravos exercessem seus rituais sagrados a partir da arte de “esconder em plena vista”, uma característica comum dessa religião, conforme descreve Rabelo (2015) ao observar a elaboração de uma oferenda à Oxum, em um terreiro de Candomblé em Salvador BA.

As práticas e rituais africanos praticados no “Novo Mundo” foram observadas pelos brancos desde o início do processo de colonização segundo Berkenbrock (2007). Algumas vezes porque eram motivo de fascínio por parte dos europeus, as vezes também por interesses próprios. Berkenbrock (2007, p.124,125) nos relata sobre isso afirmando que o comportamento religioso dos escravos foi percebido pelos europeus, mas não foi entendido como um comportamento de cunho religioso. Ele aponta também sobre a dificuldade em analisar esse período, devido a imparcialidade presente nos materiais escritos que abordaram tais práticas religiosas<sup>6</sup>.

O processo evolutivo de todas as religiões é marcado por descontinuidades e rupturas, e com o Candomblé não teria porque ser diferente. Berkenbrock (2007, p. 130,131), destaca que uma organização mais estável dos negros só foi possível no período histórico que antecedeu a abolição da escravidão e consequente início da república, pois nesse período os negros iniciaram um processo de migração para as cidades pelos mais diversos motivos. Essa migração em massa para as cidades, no qual os negros ocuparam suas periferias, possibilitou aos mesmos que estabelecessem comunidades que não dependiam da tutela dos brancos, e é nesse ambiente que Berkenbrock (2007) aponta o início do crescimento das comunidades religiosas de tradições africanas.

### 3. A COSMOLOGIA DO CANDOMBLÉ

As religiões afro-brasileiras são assim denominadas porque mesclam elementos da cultura e religiões de origem africanas com elementos da cultura brasileira. Mas é um tanto quanto complexo quando se fala em “religião” africana pois diferentemente da maneira como ocorre no campo religioso brasileiro, o continente africano é dotado de uma diversidade cultural e étnica de proporções incomensuráveis. Não há como se falar em uma unidade tal como conhecemos em parte no Brasil quando se trata da África<sup>7</sup>. Pode-se dizer que o próprio conceito de identidade africana foi cunhado pelo Ocidente. Segundo Berkenbrock (2007) o continente africano possui mais de 1000 grupos étnicos, sendo que cada um desses grupos possui suas próprias práticas culturais e religiosas sendo difícil traçar uma genealogia precisa da influência de tais religiões no desenvolvimento das religiões afro-brasileiras. Berkenbrock (2007) destaca ainda que não é possível afirmar com clareza quantas dessas religiões africanas chegaram ao Brasil junto com os negros africanos, mas essas religiões que chegaram ao Brasil podem ser analisadas comparando-as com as religiões africanas de fato, que apesar da intensa pluralidade possuem algumas características em comum, características estas que também estão presentes nas religiões afro-brasileiras.

As religiões africanas propriamente ditas se baseavam em fortes laços de parentesco sendo parte constituinte da maioria dessas religiões, o culto aos ancestrais. A ordem social das sociedades africanas era baseada na religião – de certa forma, parecida com o Islã, a religião não apenas fazia parte da sociedade, ela era parte constituinte da mesma. Prandi (1998, p. 153) destaca a diferença entre as religiões africanas e as afro-brasileiras, sendo que estas primeiras eram totalmente baseadas em laços de parentesco tendo o ancestral um papel de destaque nessas tradições. Tal diferença seria justamente a falta da parte ritual que possuía o ancestral como objeto de culto e por esse motivo Prandi (1998) afirma que as religiões africanas não puderam ser totalmente reproduzidas em solo brasileiro.

---

<sup>6</sup> Berkenbrock (2007, p.125) afirma que tais materiais foram escritos tendo como base o ponto de vista do observador, que na maioria das vezes possui interesses específicos, por isso não há a preocupação em abordar as práticas religiosas como um todo. Ele define como temas principais dos observadores, a morte, a magia e o culto.

<sup>7</sup> Quando se fala em África, não se deve ter visões limitadas quanto a sua organização socio-política-cultural. O continente possui uma diversidade muito grande, e as religiões africanas não são as únicas presentes. O Islã e o Cristianismo por exemplo, exerceram enorme influência no continente, chegando inclusive a modificar completamente a estrutura social de algumas regiões. Mota (2018) aponta por exemplo a disputa entre o islã e o cristianismo pela autonomia da verdade religiosa, no intuito de se sobrepor como religião verdadeira entre os africanos.

A travessia para as Américas nos navios negreiros – que resultou na morte de vários negros africanos – assim como outros motivos tal como as guerras que eram causadas com a única justificativa de escravizar os negros, contribuíram para a dissolução dessa ordem na qual se apoiava as sociedades e religiões africanas ao promover a dissolução e desintegração das famílias, parte importante dessa ordem, conforme demonstra Prandi (1998). Seguindo esse raciocínio, provavelmente a conclusão lógica seria afirmar que as religiões afro-brasileiras não poderiam ser uma continuidade dessa ordem já que a família e consequentemente os ancestrais se perderam no meio do caminho. Porém, não foi exatamente assim que se sucedeu, o famoso “jeitinho brasileiro” poderia ter nesse processo de formação de tais religiões a sua origem, pois os negros africanos desenvolveram um novo jeito de perpetuar essa antiga ordem social e religiosa criando uma relação de parentesco espiritual, no qual se mantém a mesma importância que a família possuía na África porém essa família não necessariamente era física, mas espiritual. Berkenbrock(2007, p.116,117) destaca que “este parentesco religioso substitui o parentesco familiar dilacerado pelo processo da escravidão e serviu de padrão para o sentimento de pertença a um determinado grupo religioso”, daí a denominação para os mais diversos cargos e funções do Candomblé precederem sempre de uma relação familiar tal como pai-de-santo, filho-de-santo, mãe-de-santo, entre outros.

Essa reorganização de uma ordem anterior com objetivo de perpetuá-la, readequando tal ordem ao contexto que era diferente do original foi o que resultou nas chamadas religiões afro-brasileiras. Ao mesclar elementos de ambas as culturas e ordens social-religiosa essas novas religiões se tornaram algo completamente novo que não pode ser dissociado da ordem originária, mas que também não pode ser classificado como sendo representante exclusivo de tal ordem. Nesse sentido, podem ser encontradas características das tradições originariamente africanas nas religiões afro-brasileiras. Mesmo que as religiões afro-brasileiras possuam também sua própria realidade plural, podem ser identificadas características comuns em ambas as religiões que as remetem as religiões originárias africanas. Berkenbrock (2007) define quatro aspectos e características que são comuns e podem ser encontradas em ambas as religiões afro brasileiras. A primeira característica seria relacionada a totalidade da religião como aspecto que engloba todas as realidades do indivíduo. A segunda seria a crença em um ser supremo que pode ser encontrada nas diversas religiões afro-brasileiras, mesmo que as formas de reconhecimento desse ser sejam diferentes em cada uma, podendo em uma ser prestado culto a esse ser enquanto em outra ele seja considerado inacessível. Uma terceira característica seria a crença em uma existência após a morte que resulta em uma ligação com outro plano de existência, e a quarta e última característica apresentada por Berkenbrock diz respeito a crença na existência de espíritos, sendo que podem existir rituais para prestar-lhes culto ou não, dependendo da religião afro-brasileira em questão.

O Candomblé, religião afro-brasileira tema deste trabalho, tem como foco principal o culto aos orixás. Os orixás africanos são originariamente deuses ligados a natureza, sendo que cada divindade está relacionada a um aspecto específico da natureza, como Iemanjá que é associada ao mar ou mesmo Exu, que é um orixá associado ao fogo – vale ressaltar que entre Candomblé e Umbanda, Exu possui naturezas diferentes, pois enquanto na primeira ele é uma divindade, na segunda é associado a espíritos. O Candomblé por sua vez é provavelmente a religião afro-brasileira que mais incorporou elementos das religiões africanas originárias, readaptando de forma mais semelhante possível, os rituais africanos em terras brasileiras. Bastide (1961, p.83) aborda o Candomblé como que sendo uma parte da África, reproduzida no Brasil, como uma espécie de microcosmo, no qual essa religião praticada na Bahia seria como uma África em miniatura.

O Candomblé é uma religião dotada de uma enorme diversidade cultural<sup>8</sup>, que por sua vez é o que constitui a sua própria essência. Por esse e outros motivos que não serão aqui enumerados, o mais correto seria falar em "candomblés", no plural, conforme Nascimento (2016). Essa característica é comum não somente às religiões afro-brasileiras, mas pode também ser observada em diversas outras religiões. As religiões nascem e se reinventam de acordo com a evolução do homem, e divergências de pensamentos e pontos de vista, criam as mais diversas correntes no interior das mais variadas tradições religiosas. Porém, por mais que no interior dos "candomblés" haja diversas correntes de pensamentos divergentes, com seus respectivos ritos, podemos traçar uma breve genealogia quanto o mito na qual esses candomblés se inspiraram.

Nos "candomblés", acredita-se que toda a existência está dividida em dois planos que seriam o espiritual e o material. Pires Nogueira (2012) aponta esses dois planos como sendo o Orún e o Ayiê. Segundo Pires Nogueira (2012), o Orún se refere ao plano espiritual, no qual habitariam os espíritos, os ancestrais divinos, os Orixás, e os ancestrais ilustres, que seriam aqueles que tiveram uma vida terrena. Já o Ayiê de

---

<sup>8</sup> O conceito de cultura é abordado aqui, na mesma linha de pensamento Coll (2002) utiliza. Portanto, quando me refiro a cultura, aborda-a na totalidade da vivência humana, na qual a religião, e consequentemente o Candomblé, estão inseridos.

acordo com Pires Nogueira (2012) é o plano da existência onde habitam os seres humanos, e se refere a tudo o que é físico e material, assim como toda a Vida na Terra e em todo o Universo, em especial os seres humanos.

Berkenbrock (2007) descreve esses dois planos da existência como sendo diferentes, mas sem, no entanto, serem opostos. Eles convivem paralelamente, em harmonia, mas também não podem ser igualadas entre si. Os habitantes do Aiyê são os Ara-Aiyê e os habitantes do Orum<sup>9</sup> são os Ara-Orum, segundo Berkenbrock (2007).

Diferentemente do Aiyê, o Orum é ilimitado, imaterial. Neste nível, existem os Ara-Orum, os habitantes do Orum. Entre esses habitantes se destacam especialmente os Orixás e os Eguns. Os Eguns são os antepassados naturais e humanos das pessoas que moram no Aiyê. Estes Eguns já terminaram sua existência no Aiyê e o que deles permanece após a morte, permanece ao nível do Orum. Ele é um mundo espiritual. Em relação ao Aiyê, o Orum não é apenas um mundo paralelo, mas sim um sobremundo, um mundo que engloba todo o Aiyê. O Orum engloba tudo e todos. Ou, dito de outra forma, o Aiyê não é um nível de existência fora do Orum, mas - para usarmos uma imagem - é como um útero limitado dentro de um corpo sem limites. (BERKENBROCK, 2007, p. 181).

Mas assim como em todas as religiões, assim como toda manifestação da cultura produzida pelo homem – que por sua vez possui particularidades, portanto o mais correto é falar em “culturas” -, o Candomblé possui a sua própria diversidade interna, que é representada pelas diversas ramificações, que são denominadas de “nações”, que são divididas entre a jeje-nagô e a nação angola. Essas nações, segundo Silva (2005), foram a forma que os negros encontraram, ao tentar reproduzir os padrões africanos de culto, de criar também, uma identidade étnica grupal, como nos reinos da África. Silva (2005) aponta que essas nações são pertencentes as etnias que originariamente vieram da África durante o período colonial, e “ate onde se sabe, entre as principais etnias (grupo de origem e cultura comuns) africanas que desembarcaram nas costas brasileiras, sobrevivendo às precárias condições de viagens nos porões dos navios negreiros, destacaram-se dois grupos: os sudaneses e os bantos”. (SILVA, 2005, p.26).

O rito jeje-nagô “que abrange as nações nagôs (queto e ijexá por exemplo), enfatizam o legado das religiões sudanesas” (SILVA, 2005, p.65).

Nos terreiros onde o rito jeje-nagô é praticado, geralmente cultuam-se orixás, voduns, erês (espíritos infantis) e caboclos (espíritos indígenas). Os terreiros onde prevalece o culto aos orixás são popularmente conhecidos como candomblé queto; os de culto aos voduns são chamados de candomblé jeje. Nos terreiros partidários da noção de “pureza” ritual, o culto aos caboclos, assim como o sincretismo com os santos católicos, tem sido mal visto e em muitos casos abolido. (SILVA, 2005, p. 66)

De acordo com Silva (2005), a classificação dos escravos não era feita com exatidão, pois eles eram classificados de acordo com o porto onde embarcavam na África sendo que

Os sudaneses englobam os grupos originários da África Ocidental e que viviam em territórios hoje denominados de Nigéria, Benim (ex Daomé) e Togo. São, entre outros, os iorubás ou nagôs (subdivididos em queto, ijexá, egbá, etc.), os jejes (ewe ou fon.) e os fanti-achantis. Entre os sudaneses também vieram algumas nações islamizadas como os haussás, tapas, peuls, fulas e mandingas. Essas populações se concentraram mais na região açucareira da Bahia e de Pernambuco, e sua entrada no Brasil ocorreu sobretudo em meados do século XVII, durando até metade do século XIX. (SILVA, 2005, p. 26,28).

Os bantos, segundo Silva (2005), englobam as populações das regiões que hoje são denominadas Congo, Angola e Moçambique, e são os que exerceram mais influência sobre a cultura brasileira, sendo também o que adentraram ao Brasil em um contingente maior de escravos, cuja vinda se iniciou em meados do século XVI e perpetuou até o século XIX.

Os bantos se dividem em angolas, caçanjes, bengalas, entre outras denominações, de acordo com Silva (2005).

Esse rito, que abrange principalmente o cerimonial congo e cabinda, procura enfatizar a herança das religiões bantos. Essa nação, embora seja a mais popular e a mais praticada pelo povo-de-santo, é vista por membros de outras nações como deturpada, pois possui um panteão bem mais abrangente.

---

<sup>9</sup> Não há um consenso geral quanto a grafia dos termos utilizados nas religiões afro-brasileiras, portanto utilizei a grafia conforme os autores consultados utilizaram em suas obras. Pires Nogueira (2012) utiliza as respectivas grafias, Orún e Aiyê, e Berkenbrock (2007) utiliza as grafias Orum e Aiyê.



Cultua, além dos inquices (deuses dos bantos), os orixás, os voduns, os vunjes (espíritos infantis) e os caboclos. Nos terreiros dessa nação, chamados de candomblé de angola, os atabaques são percutidos com as mãos e as cantigas possuem muitos termos em português. (SILVA, 2005, p. 66,67).

Diferentemente do que ocorre com outras religiões, as religiões afro-brasileiras não possuem uma forma de organização institucionalizada que de fato estabeleça diretrizes a serem seguidas por todos os terreiros ou centros. Por esse motivo a diversidade que ocorre no interior das próprias religiões afro-brasileiras pode ser de certa forma extremamente ampla. As práticas de um terreiro de Candomblé em Juiz de Fora por exemplo, não necessariamente serão idênticas as praticas de um terreiro situado no Rio de Janeiro ou em Salvador. Berkenbrock (2007, p. 116) destaca que as religiões afro-brasileiras por serem totalmente autônomas e não possuírem uma instancia de controle, estão em constante processo de mudança, e que cada cisma dentro de uma determinada tradição pode resultar na formação de um outro terreiro como também na criação de novas interpretações acerca da própria religião, e essa mudança poderia ser referente ao processo de adaptação como também fruto da fantasia religiosa de alguns líderes.

A cosmologia das religiões afro-brasileiras, no que diz respeito aos mitos e também os ritos, influenciam todos os aspectos da vida de seus adeptos. Nesse sentido, as religiões afro-brasileiras, em especial o Candomblé, podem ser entendidas não apenas como religiões, mas sim como cultura, tal como a define Coll (2002), e que abordarei melhor no próximo tópico. A interculturalidade nessa perspectiva, serve como uma ferramenta para podermos compreender melhor essa pluralidade que compõe o Candomblé e as demais religiões afro-brasileiras.

Assim, os candomblés, de modo generoso, oferecem às pessoas brasileiras um modo de viver que possibilite a salvaguarda de conhecimentos, valores, crenças em um contexto histórico que se esforçou por exterminá-los quando da saída compulsória das pessoas negras do velho continente negro. Por isso, poderíamos pensar os candomblés como uma religião definida como um modo de vida que se mostra como um *continuum* criativo entre nosso país e alguns lugares do continente africano. (NASCIMENTO, 2016, p. 162)

#### 4. INTERCULTURALIDADE RELIGIOSA: RELAÇÕES SIMBIÓTICAS EM TRÂNSITO

O ser humano, diferente de todos os outros seres vivos, é o único capaz de produzir cultura e é por meio de suas relações sociais que essa cultura é construída e reconstruída. Porém, a cultura não deve ser entendida como um aspecto entre vários da nossa realidade social, o que comumente acontece, segundo aponta Coll (2002). A cultura precisa ser observada em sua completude para poder ser compreendida, e também, para se entender o conceito de interculturalidade religiosa pois,

Se quisermos realmente promover a diversidade cultural mediante o diálogo intercultural, não podemos mais considerar a cultura apenas como um aspecto entre outros, uma vez que ela é o conjunto de crenças, mitos, conhecimentos, instituições e práticas por meio dos quais uma sociedade afirma sua presença no mundo e garante sua reprodução e permanência no tempo. Ou seja, é um modo de vida que abrange toda a realidade existencial das pessoas e comunidades de uma sociedade, e não apenas as artes, o folclore e as crenças. (COLL, 2002, p.27,28).

Assim sendo, a religião não é um aspecto à parte da cultura, mas é abrangida pela mesma. Quando falo em interculturalidade religiosa no Candomblé me refiro a este aspecto universal da cultura, portanto, seguindo essa concepção de Coll (2002) podemos afirmar que as práticas religiosas presentes nos ritos do Candomblé e demais religiões, não somente as afro-brasileiras, são práticas culturais. “Não há ato político, econômico, científico, religioso, jurídico, social, artístico ou folclórico que não seja cultural, ou seja, que não expresse uma cultura específica.” (COLL, 2002, p.28). Assim:

A redução da cultura a uma simples dimensão da realidade (chamada amiúde de dimensão cultural) não é condizente com a vontade de preservar e promover a diversidade cultural, já que toda realidade econômica, política, religiosa, jurídica, educativa, científica, tecnológica etc., é uma atividade cultural. De fato, não podemos falar em cultura, de um lado, e economia, política, ciência, tecnologia, religião, medicina, justiça, organização social, artes e folclore, de outro, como se se tratassem de dois mundos separados e autônomos. (COLL, 2002, p. 28)

O sincretismo é visto na maioria das vezes pela perspectiva da assimilação e apropriação por parte de quem o observa a partir de uma perspectiva externa, o que segundo aponta Ferretti (2013) pode ser explicado

devido ao fato de haver várias definições para o sincretismo. Tal visão pode ser considerada parcialmente verdadeira, mas não pode ser confundida com o atual contexto histórico-social-religioso no qual as religiões afro-brasileiras estão inseridas. Principalmente no âmbito da Ciência da Religião, não se pode ceder à tentação de analisar tais religiões por um viés do anacronismo. O sincretismo foi sim uma prática de sobrevivência que os descendentes africanos encontraram para poder perpetuar suas tradições culturais e religiosas em um país que além de ser distante de suas respectivas nações originárias, não permitia que tais práticas religiosas fossem exercidas, em um contexto histórico-social no qual os negros africanos eram por sua vez, completamente destituídos de liberdade. Privação de liberdade não somente religiosa, mas também de direitos civis.

Nesse sentido o sincretismo religioso pode sim ser entendido como uma prática de assimilação pois os negros ao realizarem suas práticas culturais e religiosas, fizeram-no com o pretexto de que estavam realizando os rituais cristãos, “transformando” os seus deuses nos santos do panteão da Igreja Católica e prestando dessa forma um culto que para um observador externo poderia parecer um culto dedicado aos santos católicos, mas que na verdade era um culto prestado aos deuses africanos

Diante do modesto altar católico erigido contra o muro da senzala, à luz trêmula das velas, os negros podiam dançar impunemente suas danças religiosas tribais. O branco imaginava que eles dançavam em homenagem à Virgem ou aos santos; na realidade, a Virgem e os santos não passavam de disfarces e os passos dos bailados rituais, cujo significado escapava aos senhores, traçavam sobre o chão de terra batida os mitos dos orixás e dos voduns... A música dos tambores abolia as distâncias, enchia a superfície dos oceanos, fazia reviver um momento a África e permitia, numa exaltação ao mesmo tempo frenética e regulada, a comunhão dos homens numa mesma consciência coletiva. (BASTIDE apud BERKENBROCK, 2007 p.103)

O sincretismo é uma realidade histórica que não pode ser negada e não é a intenção desse trabalho fazê-lo. Meu objetivo é justamente diferenciar esse fato histórico que ocorreu no período da escravidão com o que ocorre nos dias de hoje na relação das religiões afro-brasileiras, principalmente o Candomblé, com as demais religiões do campo religioso brasileiro. Ao denominar de sincretismo o contexto atual das religiões afro-brasileiras, cai-se na tentação do anacronismo, pois o termo sincretismo serviu bem no período da escravidão brasileira, mas tal termo não tem muita utilidade nos dias de hoje. Não porque o sincretismo tenha deixado de existir, mas porque atualmente não seja apenas no sentido de assimilação para sobrevivência, e pelo fato também de o Candomblé não precisar de justificativas para perpetuar seus rituais e crenças. Porém quando falo de sincretismo e sobre a necessidade de uma melhor definição do processo que ocorre atualmente nas religiões afro-brasileiras, me refiro a utilização do termo sincretismo e não ao seu significado como processo histórico, pois segundo nos mostra Ferretti (2013), o termo sincretismo possui várias definições e significados. Para descrever o atual contexto das religiões afro-brasileiras no campo religioso brasileiro, muito mais apropriado seria o termo “simbiose” que se trata de situações ou eventos

[...] que relacionam positivamente termos heterogêneos mesmo enquanto estes termos divergem. Seres relacionados simbioticamente seguem divergindo, seguem definindo a seu modo aquilo que lhes importa. Simbiose significa que estes seres estão relacionados por interesses em comum, mas *comum* não significa ter o mesmo interesse em comum, apenas que interesses divergentes agora precisam um do outro. (STENGERS apud RABELO; ARAGÃO, 2018 p. 84,85).

Essa descrição relata bem o contexto atual do campo religioso brasileiro principalmente no que diz respeito as religiões afro-brasileiras. Não é um mero sincretismo que ocorre nos dias de hoje, pois essas relações não são uma via de mão única, com a assimilação ocorrendo por apenas uma das partes. É uma troca recíproca no qual ambos os lados, nesse caso ambas as religiões, tem uma relação de troca cultural, mas sem serem necessariamente absorvidas umas pelas outras. Pode-se sim dizer que ambas têm interesses em comum, mas que não necessariamente são os mesmos interesses. A relação de ambas as religiões do campo religioso brasileiro para com o Candomblé ou vice-versa, pode então ser caracterizada como simbiótica e não apenas sincrética.

Um exemplo dessa relação simbiótica é o contexto das igrejas pentecostais e neopentecostais com as religiões afro-brasileiras. Nas chamadas igrejas do “reteté” percebe-se uma clara reinterpretção das danças que são originárias nos rituais das religiões afro-brasileiras. Em um estudo sobre a vigília do Celebrai Guerreiro (2016) nos relata que tais igrejas são comumente criticadas, principalmente pelos protestantes tradicionais devido a semelhança dos rituais afro com a performance presente na liturgia da vigília. Guerreiro (2016) destaca ainda que tais críticos das igrejas do “reteté” procuram desqualificar tais rituais dessas igrejas, classificando-os

como rituais não evangélicos e utilizando até mesmo termos que consideram pejorativos, tais como “macumba pentecostal” e “circo gospel”. Guerreiro (2016) aborda que parte importante da performance dos rituais de “reteté”, em especial o da Celebrai, são permeados pelos chamados “corinhos de fogo”. Tais corinhos demonstram uma nítida semelhança com os rituais afro-brasileiros, tais corinhos denotam uma clara intenção de influenciar o corpo no intuito de desencadear um “êxtase espiritual”. Assim como nas religiões afro-brasileiras, nos rituais de “reteté” o corpo representa um papel importante na liturgia do culto, fato esse que segundo Guerreiro é utilizado pelos protestantes tradicionais como argumento para desqualificar tais igrejas como evangélicas legítimas, uma vez que nas igrejas protestantes tradicionais toda a liturgia do culto é conduzida justamente com a intenção de controlar o corpo, tal como Guerreiro (2016) mesmo demonstra, ao nos trazer o exemplo dos hinos da Harpa cantados nas igrejas tradicionais.

Na igreja Universal do Reino de Deus por exemplo, a relação de “guerra declarada” às religiões afro-brasileiras pode ser também considerada uma relação simbiótica mesmo que por um viés não muito positivo. Nessa guerra os rituais das religiões afro-brasileiras que são considerados como obra do “diabo”, servem de propulsor para a igreja angariar novos fiéis, e fortalecer a fé dos já praticantes. Ora, para se ter uma guerra, é preciso haver um inimigo, e nesse contexto a igreja se apoia nas religiões afro-brasileiras, e se estas últimas não existissem, não haveria motivo para perpetuação das doutrinas de tais igrejas como a Universal, pois não haveria razão para os cristãos serem “a luz do mundo”, em um mundo que não tivesse trevas. Embora haja um suposto consenso entre as diversas religiões protestantes, pentecostais e neopentecostais em se ter as religiões afro-brasileiras como um inimigo comum, Guerreiro (2016) nos mostra que a maneira como se desenvolve essa relação de disputa e “guerra” pode variar entre as diversas denominações religiosas.

Assim:

Nas igrejas do “reteté” não se “guerreia” contra as religiões afro-brasileiras através de sessões de exorcismo voltadas para o combate à Umbanda, ao Candomblé, suas entidades e seus símbolos, assim como ocorre na IURD e é demonstrado por autores como Luís Eduardo Soares (1993), Ari Pedro Oro (1997), Bruno Reinhardt (2006) e Ronaldo Almeida (2009). [...] É possível notar a “guerra” contra o afro-brasileiro nas falas dos pregadores e dirigentes. Nestas pregações, os integrantes de religiões afro-brasileiras são chamados de “feiticeiros” e “macumbeiros”, dentre outros termos associados a algo negativo. (GUERREIRO, 2016, p.96).

Ainda sobre a Igreja Universal do Reino de Deus, Barbosa (2010) destaca a habilidade que tal denominação religiosa possui, de apropriar-se de elementos de outras tradições religiosas resignificando-os para interesse próprio para angariar um número cada vez maior de fiéis, ou até mesmo para utilizá-los como munição no que Barbosa (2010) denomina também de “guerra santa”. Uma característica que faz com que a IURD seja motivo de contradição quanto a sua classificação no campo religioso brasileiro.

De toda forma,

Muito embora a IURD se autoproclame pentecostal, creio que ela se situa numa espécie de fronteira inter-religiosa. É uma igreja que rearticula sincreticamente no seu próprio interior crenças e práticas rituais dos adversários; apropria-se de elementos de crenças de outras religiões, resignificando-os. A opinião de Ari Pedro Oro, professor de Antropologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, é mais radical, quando classifica a IURD como sendo uma “igreja religiofágica”, ou como ele exterioriza com maior ênfase, “comedora de religião”, por ser uma igreja que constitui seu repertório simbólico, suas crenças e ritualística, incorporando e ressemantizando pedaços de crenças de outras religiões, mesmo de seus adversários (BARBOSA, 2010, p.41).

Um outro exemplo de relação simbiótica diz respeito a que as religiões afro-brasileiras tem com as religiões ameríndias. Os caboclos, que são espíritos indígenas, muitas vezes aparecem nos terreiros de candomblé e ali se manifestam, mas isso não significa que eles alteram a ordem dos rituais, para reivindicar para si a autonomia do terreiro. Muito pelo contrário, nos terreiros de Candomblé em que se manifestam, os caboclos tem uma relação de convivência pacífica, algumas vezes submissa, aos orixás africanos. Rabelo e Aragão (2018) em entrevistas com adeptos de terreiros onde se manifestam essas relações simbióticas entre caboclos e orixás, destacam que alguns casos são os caboclos que influenciam a iniciação destas pessoas nos terreiros de Candomblé, e nos terreiros angolas inclusive, os caboclos são bem vindos e em alguns casos se prestam culto a eles.

Talvez a relação entre caboclo e orixá seja mais nítida no que diz respeito a uma relação simbiótica. Um não necessariamente depende do outro, ambas as existências preexistem essa relação. Porém, ambos convivem por interesses comuns, que não necessariamente são os mesmos interesses, mas que se

complementam. Ambos, necessitam do corpo dos praticantes do Candomblé para poderem se manifestar, mas nenhum reivindica para si, a exclusividade de manifestação. Podem, tanto caboclo, quanto orixá, habitar e manifestar-se no mesmo corpo, mas não ao mesmo tempo, mesmo que tais manifestações possam acontecer em um curto espaço de tempo. “Em outro nível ainda, o drama que se desdobra no terreiro e no corpo pode se encenar na carreira (ou trajetória) de uma mesma entidade.” (RABELO; ARAGÃO, 2018, p. 104)

## 5. AFRICANIZAÇÃO: O CANDOMBLÉ COMO RELIGIÃO UNIVERSAL

O Candomblé nem sempre foi uma religião universalista como é nos dias de hoje. Universalista no sentido de ser acessível a todos e sem distinção. Pois em seus primórdios foi criado e planejado para ser acessível apenas pelos negros, ou comunidades de pessoas descendente de africanos. Nos dias atuais, no entanto, o Candomblé se tornou uma religião universal no qual qualquer pessoa, independentemente do seu tom de pele ou descendência, pode tornar-se adepto. Esse processo pelo o qual o Candomblé se tornou essa religião universalista é o período que Prandi (1998) denomina de africanização.

Essa africanização não seria necessariamente apenas um retorno à África, mas a transformação do Candomblé em uma religião aberta a todos, em contrapartida ao modelo que seguiu desde a sua fundação, no qual o Candomblé era uma religião fundada por negros e projetada para ser praticada apenas por eles. Prandi (1998) aborda que o ponto de partida para esse processo de busca pelas raízes africanas do Candomblé e sua consequente universalização como religião aberta a todos os públicos, independentemente da etnia ou classe social se deu a partir da década de 1960, com os movimentos da chamada *contracultura*.

Prandi (1998, p.9) aponta que durante este período da história brasileira as diversas tradições religiosas de origem africana encontraram condições econômicas para se multiplicar em direção ao sul do país e outras regiões. O Candomblé desde cedo procurou se cercar de pessoas influentes e com poder econômico mais elevado. Nesse sentido Prandi (1998) destaca a importância do ogã no Candomblé, que era uma pessoa escolhida para ajudar o terreiro a se manter economicamente e também protegê-lo das perseguições por parte da sociedade. Esse ogã, normalmente era uma pessoa que já possuía algum prestígio na sociedade e alto poder aquisitivo.

Nesse sentido, a *africanização* proposta por Prandi(1998) remete ao mesmo processo que pode ser também observado por outras religiões até mesmo no cristianismo, que é quando tais organizações, deixam de ser uma *seita* – no sentido estrito de comunidade de pessoas que possui algum tipo de crença ou tradições não institucionalizada - para se tornar uma religião com a sua devida institucionalização e abertura a todos os públicos, não apenas para um grupo seleto de pessoas. Tal processo pode ser observado em outras religiões, tal como o próprio cristianismo, que nos seus primórdios era voltado apenas para um pequeno grupo de pessoas, mas foi institucionalizado e aberto para todos, quando foi tornado religião oficial do Império Romano por Constantino.

Além desse processo de africanização abordado por Prandi (1998) há também outras duas correntes que atualmente existem no seio das religiões afro-brasileiras: o processo de *reafricanização*, e o de *desafricanização*, que já foram abordados por diversos autores e pesquisadores das religiões afro-brasileiras. A questão da *desafricanização* é relacionada normalmente à Umbanda e Jensen (2001) aponta como característica dessa religião a tentativa de apagar os traços da cultura africana de sua essência desde a sua fundação, o que ela chama de “espiritismo branco”, no qual a Umbanda remeteu a sua origem aos hindus, pois considerava que as religiões africanas estavam em um estágio inferior de desenvolvimento. A *desafricanização* seria, portanto, uma tentativa de “embranquecimento” das religiões afro-brasileiras – leia-se Umbanda - com o intuito desta de se inserir na sociedade, que nunca havia olhado com bons olhos as práticas religiosas que os afrodescendentes trouxeram ao Brasil.

Já a *reafricanização* segue justamente o caminho inverso. Esta por sua vez procura meios de se desvincular do sincretismo negando-o por completo e remetendo suas origens diretamente a África, não somente a mítica, mas o continente real. Nesse processo de *reafricanização*, é comum a peregrinação de líderes ao continente africano com o intuito de aprender as práticas religiosas que lá são realizadas, para tornar a religião praticada no Brasil mais “pura” em relação as religiões africanas de fato. Berkenbrock (2007) aponta que o processo de *reafricanização* se trata de uma tentativa de reverter o sincretismo e a influencia da religião católica, principalmente no que diz respeito a comparação dos Orixás africanos com os santos católicos.

Esse processo de *reafricanização*, porém, não visa somente a exclusão de todos os elementos estranhos à religião e cultura originária africana, mas é também um processo de autoafirmação por parte das religiões afro-brasileiras. É, portanto, um meio pelo qual elas procuram proclamar a sua independência frente a

dominação que sofreram por parte da Igreja Católica, desde a sua fundação. Obviamente que assim como qualquer outra religião existem os prós e contras, aqueles que apoiam a causa e aqueles que a negam, como também os que levam ao extremo tais medidas de *des-sincretização*<sup>10</sup>. Pode-se afirmar que nesse sentido há também um movimento fundamentalista nesse processo de reafricanização das religiões afro-brasileiras.

## 6. A BRASILIDADE AFRICANA: INTERCÂMBIO E INTERCULTURALIDADE RELIGIOSA NO CANDOMBLÉ

O ser humano está em constante movimento, está sempre em processo de evolução. E com a cultura não poderia ser diferente, uma vez que esta é produzida por ele mesmo. Não é objetivo deste trabalho fazer uma definição detalhada do que vem a ser cultura, mas abordar a religião – nesse caso o Candomblé - como um subproduto da cultura. Subproduto não no sentido de ser mais ou menos importante de outros produtos que são fruto da cultura, mas no sentido de uma relação de continuidade em ordem decrescente, visto que em primeiro lugar está o homem, cuja aspirações tem como produto a cultura, que por sua vez se divide e se multiplica gerando outros subprodutos, tal como a política que também está inserida na cultura. Tais produtos e subprodutos dependem de uma relação de trocas em um ciclo constante, que se inicia com o próprio ser humano que não poderia fazer cultura se não possuir o convívio com outros seres vivos não somente seres humanos, uma vez que, alguns seres vivos tem um papel diferente em cada tipo de cultura. Essa relação de trocas por sua vez continua presente em outros subprodutos da cultura pois uma cultura – e conseqüentemente seus subprodutos - depende do contato com outras para poder se consolidar e conseqüentemente evoluir.

E com a religião não poderia ser diferente. Toda religião nasce e evolui na medida em que tem contato com outras religiões. Esse contato pode ser tanto positivo quanto negativo. Positivo e negativo no sentido de que, pode contribuir para acrescentar como também subtrair elementos uma das outras. Com o Candomblé – religião que é o enfoque deste trabalho - pode-se afirmar que este teve momentos de contato positivos e negativos durante seu período de consolidação. No início teve um contato positivo e negativo com o cristianismo católico. Positivo no sentido de que o contato forçado com o catolicismo - o que Berkenbrock (2007) denomina de catolização forçada - foi o propulsor para que os negros encontrassem uma maneira de perpetuar suas tradições o que resultou no sincretismo. E pode-se dizer que esse contato foi negativo pelo mesmo motivo, pois tal contato com o catolicismo não foi oferecido e sim imposto aos negros africanos.

Como já abordado anteriormente, o Candomblé foi se reinventando e se reconstruindo ao longo de sua história assim como todas as religiões. Ou melhor, assim como todos os tipos de manifestações da cultura. Nesse sentido, na soleira desse processo de constante mudança é que se encaixa o tema que foi proposto neste trabalho, a interculturalidade. Interculturalidade no sentido de o Candomblé não apenas ter recebido influência de outras religiões, mas também por este influenciá-las também. O sincretismo, fato histórico e parte constitutiva na formação de todas as religiões, não foi abordado com o intuito de ser ignorado ou simplesmente esquecido. O que eu propus foi um novo viés para enxergá-lo. Ou melhor, pode-se dizer que a utilização dos termos *interculturalidade* e *simbiose*, foram utilizadas como uma forma de atualização dos conceitos que o sincretismo aborda. Assim como a própria linguagem evolui e se modifica ao longo do tempo, os conceitos e significados também sofrem alteração. E nesse caso os termos introduzidos têm o intuito de atualizar os significados que a palavra *sincretismo* possui, não desejando, contudo, negá-lo, pois como já dito anteriormente, tal sincretismo é um fato histórico.

As religiões afro-brasileiras, especialmente o Candomblé – por possuir mais elementos da cultura africana considerados “primitivos” e selvagens, foram desde os primórdios desconsiderados e tratados com desdém por parte das outras religiões e da sociedade brasileira que insiste em negar o seu passado, que remete a escravidão e quando não o nega, adorna-o de fantasias enfeitando-o com as vestes da *mestiçagem*, uma visão muito comum usada para disfarçar tal mancha histórica com o intuito de diminuir o impacto negativo que a era escravocrata exerceu. Essa teoria de *democracia racial* em que todos são iguais e que somos um só povo, ficou apenas na literatura, pois a realidade é bem diferente. Pouca coisa mudou com o fim da escravidão dos negros africanos. Após a abolição os negros foram simplesmente jogados à sociedade, sem nenhum auxílio ou planos de inclusão, o que propiciou a perpetuação da desigualdade social presente em nosso país desde a sua fundação.

Fazendo um paralelo à abordagem de Berkenbrock (2007), pode-se afirmar que o Brasil também é dotado de uma multiplicidade de culturas assim como o continente africano, e o conceito de *brasileiro* também foi

---

<sup>10</sup> Termo utilizado por Berkenbrock (2007 p.119)

recentemente adotado, assim como o conceito de *africano* na África. Isso fica nítido ao analisarmos nossa história recente, na qual a xenofobia está presente em relação aos habitantes dos vários estados brasileiros. Seja dos estados da região Sudeste para com os estados na região Nordeste e Sul, ou vice-versa, a sensação de superioridade em relação a cultura, costumes e até mesmo práticas religiosas do outro, sempre esteve presente. O paulista acha que seus costumes são os certos, e melhores que o do carioca, que se acha superior ao mineiro, que por sua vez, critica o nordestino, e assim sucessivamente. Mas, em meio a essa rede de preconceitos, de região, religião e cultura, alguns se destacam, sofrendo preconceito de ambas as partes: os negros.

Esse etnocentrismo e eurocentrismo em relação à cultura do negro, suas tradições e práticas religiosas, que desde sempre esteve presente, sendo até mesmo utilizada como justificativa para a escravidão, traz grandes obstáculos para poder considerar a cultura dos afrodescendentes como tal. Por esse motivo, as religiões afro-brasileiras são comumente abordadas como sendo referência a prática do mal, sendo taxadas de “magia negra”, “feitiçaria”, “coisa do demônio”, entre outros termos pejorativos. Ao observar a cultura e práticas religiosas dos afrodescendentes pela lente do etnocentrismo e eurocentrismo, a diversidade e riqueza cultural destes é completamente despercebida aos olhos do observador, que por sua vez, utiliza a sua própria cultura e religião como parâmetro para analisar a do outro. Essa *interculturalidade*, diversidade cultural presente nas religiões afro-brasileiras, precisa ser observada como característica importante de tais religiões, que contribuem diretamente para a própria diversidade da cultura e do campo religioso brasileiro.

O Candomblé, portanto, como citado anteriormente, sofreu influências de diversas religiões, assim como exerceu influências sobre as mesmas. A resignificação de seus ritos por parte da IURD e das igrejas do “reteté” podem ser entendidos como uma relação simbiótica, em contraposição a ideia de sincretismo, cujo significado comumente remete a uma ideia de dominação que desencadeia em contrapartida uma resistência. Tais relações simbióticas que foram brevemente citadas, poderiam ser estudadas mais a fundo, se não fosse a limitação imposta quanto a elaboração deste trabalho.

As semelhanças estruturais existentes entre o catolicismo popular, as religiões indígenas e os cultos africanos (como a devoção às entidades intercessoras, o aspecto mágico que envolve essa devoção, entre outras características) possibilitaram a tradução e o intercâmbio entre os elementos constituintes desses sistemas religiosos. Dessa forma, uma rica e complexa gama de religiões afro-brasileiras pôde se formar – umas mais próximas das contribuições indígenas e bantos (como a pajelança, o catimbó, o candomblé de caboclo, a umbanda, etc.); outras mais próximas das contribuições jeje-nagô (como o candomblé da Bahia, o xangô do Recife e o tambor-de-mina do Maranhão). (SILVA, 2005, p. 129,130).

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Candomblé é sem sombra de dúvidas, uma religião com uma diversidade cultural impressionante. O objetivo desse trabalho, ao abordar essa religião pela perspectiva da interculturalidade, foi justamente o de tentar trazer à tona essa diversidade. Tentei afastar as ideias do senso comum, relacionadas ao sincretismo – parte importante da história dessa religião, ao abordá-lo sobre outra perspectiva, a da simbiose. Por mais que essa perspectiva possa de certa forma, ser considerada também, uma relação recíproca, na qual o preconceito e visões do senso comum também é dirigido dos praticantes das religiões afro-brasileiras às outras religiões, essa relação não se mantém nos mesmos níveis. Pois a violência simbólica e a dominação cultural são relações de poder que foram construídas historicamente, e não apenas socialmente, ou seja, de certa forma, não existe racismo reverso.

As diversas correntes de pensamento que envolvem a dinâmica das religiões afro-brasileiras, principalmente o Candomblé - entre elas a desafricanização e a reafricanização, as quais citei de forma breve, não têm como objetivo justificar ou refutar uma ou outra. Muito pelo contrário, abordei tais temáticas com o intuito de complementar a ideia que foi inicialmente proposta como tema deste trabalho. O objetivo desse trabalho é, além de propor uma nova perspectiva para se entender a diversidade cultural que existe no interior do Candomblé, analisando o sincretismo pelo viés da simbiose, propor um novo entendimento das religiões afro-brasileiras como tais. Ou seja, meu intuito foi o de buscar um meio termo, um caminho para a aceitação de tais religiões como religiões mistas, dotadas de uma pluralidade cultural que justifica sua própria identidade. Não necessariamente um dos dois extremos, o que considera tais religiões como totalmente brasileiras, com pequenas influências da cultura africana, ou mesmo como religiões genuinamente africanas, praticadas em outro ambiente que não necessariamente o continente africano.

Até mesmo porque, quando se fala em África, a diversidade cultural e religiosa é algo extremamente variado, assim como já abordado nesse trabalho. Mas isso não ocorre apenas com o continente africano. O chamado “país da miscigenação”, também possui uma realidade cultural, religiosa e étnica plural, que em grande parte se dá pela influência que sofreu de diversas outras culturas e países, durante o seu processo de consolidação como nação. O típico “jeitinho brasileiro” de se reinventar e fazer cultura.

Nesse sentido, a frase citada no início deste trabalho, o justifica quase que por completo. Por mais que se trate do pensamento de um pesquisador da área das Ciências Naturais, tal pensamento se encaixa perfeitamente no âmbito das Ciências Humanas, principalmente na da Ciência da Religião, da qual esse trabalho se apoia. Esse pensamento aplicado ao campo das religiões, justifica o surgimento de novas tradições religiosas e até mesmo a reinvenção das que já estavam constituídas. Nenhuma religião surgiu do nada absoluto, e ao afirmar isso, não pretendo entrar na questão dos mitos e respectivas cosmogonias de tais religiões, pois se trata de uma questão prática. Não quero acusar também, nenhuma tradição religiosa de apropriação cultural ou algo do gênero. Afirmo isso no sentido que, toda religião, consciente ou inconscientemente, incorpora elementos de uma religião anterior, durante o seu processo de formação. Incorporação essa que pode se desenvolver com o intuito de promover uma revolução e reestruturação de uma ordem anterior, que foi originariamente constituída pela religião anterior, como no caso do Budismo e do Cristianismo, que surgiram, respectivamente, com o intuito de promover uma reforma do Hinduísmo e Judaísmo. Ou pode ocorrer também, uma aceitação de tais realidades anteriores, com o objetivo de realizar também uma revolução, mas sem uma incorporação total, com a negação de tais realidades com a justificativa de que as mesmas não estão corretas, criando-se algo completamente novo, como no caso do Islã, que não necessariamente incorporou elementos do Cristianismo e Judaísmo, mas que, por sua vez, se considera como evolução de tais religiões. Ou seja, para o Islã poder se constituir, foi necessário que antes existissem o Judaísmo e Cristianismo.

Mas isso pode ocorrer também por outros motivos e em outros contextos, como no caso do Candomblé e das demais religiões afro-brasileiras. A necessidade da existência de uma ordem anterior, representada por uma religião preexistente, não se sucedeu, nem com o objetivo de promover uma reformulação de tal ordem, ou mesmo de refutá-la. A incorporação de tais elementos dessa ordem já existente, sucedeu-se com o intuito de, inicialmente perpetuar uma outra ordem também já preexistente, mas que, no entanto, resultou na consolidação de uma realidade completamente diferente dessas ordens preexistentes, mas que por compensação, mescla elementos de ambas.

Essa relação pode se dar também pela via inversa, daí a questão da simbiose se encaixar tão bem com a ideia proposta nesse trabalho. Pela via inversa porque, essa incorporação pode ocorrer pelas religiões que já estavam originariamente constituídas, ao absorver elementos e conceitos das religiões que vieram posteriormente. Incorporação essa que pode ocorrer pelos mais variados motivos e objetivos, e em contextos diversos, e que por sua vez podem ser consideradas positivas ou negativas, mas não é objetivo desse trabalho julgar ou analisar tais aspectos. Um exemplo deste tipo de relação simbiótica, pode ser claramente observado nos rituais pentecostais e neopentecostais, que incorporam elementos das religiões afro-brasileiras – que por sua vez se constituíram posteriormente, visto que o pentecostalismo e neopentecostalismo são reinterpretções do cristianismo, seja nas chamadas igrejas do reteté, no qual os rituais nitidamente se confundem com os das religiões afro-brasileiras, devido a grande semelhança das danças e gestos da liturgia do culto. Pode se observar também, essa incorporação nos rituais de libertação de certas igrejas pentecostais e neopentecostais, no qual os orixás e entidades das religiões afro-brasileiras são abertamente associados à imagem do mal, e denominados como demônios, como no caso de Exu, Tranca-Rua, Zé Pelintra, e até mesmo a Pomba-Gira.

Tais temas e conceitos não puderam ser amplamente abordados e discutidos nesse trabalho, devido a limitação do tempo e também do limite para elaboração deste trabalho. Por esse motivo, algumas ideias e argumentos podem parecer incompletos, porém, mesmo com tal limitações, procurei ser o mais conciso possível, mesmo que para alcançar tal objetivo, tenha sido preciso abrir mão de explicações mais amplas e exposição de exemplos mais detalhados relacionados ao tema proposto.

A elaboração deste trabalho teve, além dos objetivos já explicados anteriormente, contribuir também para o diálogo inter-religioso entre as religiões afro-brasileiras e as demais religiões do campo religioso brasileiro. Tal motivação se justifica pelo meu ethos, o lugar de qual parti, que foi o da pertença, durante muito tempo, a uma da mais tradicional igreja pentecostal brasileira. Pertença, ou ex-pertença, que não minou o meu interesse pela pesquisa a outras religiões. Mantenho a posição de uma epoché, no sentido mais estrito do termo. Abordei a questão do ethos, para justificar os exemplos que abordei nesse trabalho, mas que, porém, não possuem referência. A falta de tais referências se dá pelo fato de tais exemplos se basearem em vivências e

experiências próprias, mesmo que tais não sejam recentes, mas que por serem experiências próprias, justificam os argumentos e exemplos utilizados, e a falta de referências dos mesmos.

Concluindo, esse trabalho foi elaborado tendo como base a pesquisa bibliográfica, e também em certas experiências e motivações pessoais, com a finalidade de ampliar e contribuir para a pesquisa de temas relacionados as religiões afro-brasileiras, no âmbito da Ciência da Religião, ou até mesmo de outras Ciências Humanas, tal como as Ciências Sociais. Contribuição essa, que não tem o propósito de esgotar as possibilidades de novas abordagens ou hipóteses divergentes sobre tais religiões, e nem impede que novas pesquisas venham a complementar ou até mesmo refutar minhas ideias e argumentos. Aliás, assim se constitui toda Ciência e até mesmo toda religião, por reinterpretações e reformulações de ideias e teorias, afinal, "tudo se transforma".

## REFERÊNCIAS

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. **O trato dos viventes**: formação do Brasil no Atlântico Sul: séculos XVI e XVII. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BARBOSA, Marco Antonio. Do terreiro ao púlpito: Apropriação e ressignificação de elementos de crença das religiões afro-brasileiras pela liderança da Igreja Universal do Reino de Deus (1977-2010). Orientador: Prof. Dr. Alfredo dos Santos Oliva. 2010. 123 f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Londrina, 2010.

BASTIDE, Roger. **O Candomblé da Bahia**: rito nagô. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1961.

BERKENBROCK, Volney J. **A experiência dos orixás**: um estudo sobre a experiência religiosa no candomblé. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

COLL, Agustí Nicolau. **Propostas para uma diversidade cultural intercultural na era da globalização**. São Paulo: Instituto Pólis, 2002.

CONSORTE, Josildeth Gomes. **Em torno de um manifesto de ialorixás baianas contra o sincretismo**. In: CAROSO, Carlos; BACELAR, Jeferson Afonso (Org.). Faces da tradição afro-brasileira: religiosidade, sincretismo, anti-sincretismo, reafrikanização, práticas terapêuticas, etnobotânica e comida. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas; Salvador: UFBA, 1999, p. 71-91.

FERRETTI, Sérgio Figueiredo. **Repensando o sincretismo**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2013.

GUERREIRO, Clayton da Silva. A gira do "reteté": Uma análise das disputas sobre o "Pentecostalismo Legítimo". Orientador: Profa. Dra. Melvina Afra Mendes de Araújo. 2016, 211 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Guarulhos, 2016.

JENSEN, Tina Gudrun. Discursos sobre as religiões afro-brasileiras: Da desafrikanização para a reafrikanização. **Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, n. 1, p. 1-21, 2001.

MOTA, Thiago Henrique. **História atlântica da islamização na África Ocidental: Senegâmbia, séculos XVI e XVII**. Orientador: Vanicléia Silva Santos. 2018. 373 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

NASCIMENTO, W. **Sobre os candomblés como modo de vida**: Imagens filosóficas entre Áfricas e Brasis. *Ensaios Filosóficos*, Rio de Janeiro, v. 13, p. 153-170, 2016.

PIRES NOGUEIRA, P. A. **A cosmovisão no Candomblé**. *Sacrilegens*, v. 9, n. 2, p. 48-56, 25 nov. 2012.

PRANDI, Reginaldo. Referências sociais das religiões afro-brasileiras: sincretismo, branqueamento, afrikanização. **Horiz. antropol.** Porto Alegre, v. 4, n. 8, p. 151-167, jun. 1998.



RABELO, Miriam C. M.; ARAGÃO, Ricardo. Caboclos e Orixás no Terreiro: modos de conexão e possibilidades de simbiose. **Relig. soc.** Rio de Janeiro, v. 38, n. 1, p. 84-109, abr. 2018.

RABELO, Miriam C. M. O presente de Oxum e a construção da multiplicidade no candomblé. **Relig. soc.** Rio de Janeiro, v. 35, n. 1, p. 237-255, jun. 2015.

SILVA, Daniel Neves. **"Escravidão no Brasil"**; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/escravidao-no-brasil.htm>. Acesso em 23 de novembro de 2019.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Candomblé e umbanda: caminhos da devoção brasileira**. 2. ed. São Paulo: Selo Negro, 2005.

SOUZA, Jessé. **Ralé brasileira: quem é e como vive**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

WEISSMANN, Lisette. Multiculturalidade, transculturalidade, interculturalidade. **Construção Psicopedagógica**. São Paulo, v. 26, n. 27, p. 21-36, 2018.